GRUPOS OPERATIVOS DE APRENDIZAGEM: UMA FERRAMENTA EXITOSA PARA OS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO SUPERIOR

Área Temática: Experiências com metodologias ativas no ensino superior e tecnológico.

Fernanda Viero Dias Putini[1]
Ana Bela dos Santos[2]

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de discorrer sobre os grupos operativos, propostos por Pichon-Rivière, como uma ferramenta de aprendizagem aplicada no ensino superior. Para isso apresenta como exemplo da utilização dessa metodologia o projeto de extensão e pesquisa Som e Vida, proposto pelo curso de Psicologia do Centro Universitário Campo Real. Tal projeto possibilitou o sujeito tornar-se protagonista e ativo em seu processo de aprendizado, e de sua experiência humana. Foi possível perceber que a utilização de grupos operativos é bastante exitosa dentro do cenário acadêmico, funcionando como um laboratório de elementos de construção social, aplicada em diferentes contextos.

Palavras-chave: Grupos operativos; Pichon- Rivière; Ensino superior.

INTRODUÇÃO

A teoria dos grupos operativos foi elaborada por Enrique Pichon-Rivière (1907-1977), um psiquiatra e psicanalista suíço nacionalizado argentino. Suas obras são inúmeras e apresentam questionamentos importantes a respeito da psiquiatria e das formas de se aprender o mundo. Quando iniciou seus estudos, em um hospital onde trabalhava, observou a progressiva melhora de seus pacientes quando estes assumiam papeis no ambiente hospitalar. Na medida em que faltavam profissionais de enfermagem, os pacientes se propunham em realizar tarefas simples na rotina da instituição. Conforme se inseriam em tais tarefas, aprendiam determinados ofícios, quebravam estereótipos e apresentavam melhoras expressivas em seus quadros clínicos. Esse processo foi percebido por Pichon-Rivière e atribuído como um processo de aprendizagem terapêutica, o qual considerava que o indivíduo era "resultante dinâmico no interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos internos e externos, e sua interação dialética por meio de uma estrutura dinâmica", princípio este atribuído a partir do princípio do vínculo.

Pichon-Rivière compreendeu que quando o sujeito está em uma comunidade/grupo se torna "uma estrutura complexa que inclui o ser sujeito, o ser objeto, e a mútua inter-relação de comunicação e aprendizagem". Para ele, a Teoria do Vínculo tem caráter social e de aprendizagem, pois, parte da ideia de que há figuras internalizadas presentes nas relações e isso torna toda e qualquer aprendizagem afetiva. Segundo o autor, há três dimensões de investigação e aprendizagem: a investigação do indivíduo, a do grupo e a da instituição ou sociedade. Estas três dimensões permitem três tipos de análise: a psicossocial, que parte do

[1] Doutoranda no Programa Interdisciplinar de Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO. Bióloga, Mestre em Ciências Biológicas - fernanda.bioses@hotmail.com

[2] Doutoranda em Educação da UNICENTRO. Psicóloga e Geógrafa, Mestre em Desenvolvimento Comunitário - prof_anabela@camporeal.edu.br

indivíduo para fora; a sociodinâmica, que analisa o grupo como estrutura; e a institucional, que toma todo um grupo, toda uma instituição ou todo um país como objeto de pesquisa. Esses campos de investigação (psicossocial, sociodinâmico e institucional) não estão separados claramente e, portanto, vão se integrando sucessivamente.

Nesse contexto, o presente artigo trata-se de uma revisão sobre a utilização dos grupos operativos no ensino superior utilizando-se da experiência de trabalho realizado durante o projeto de extensão e pesquisa do curso de Psicologia do Centro Universitário Campo Real denominado Som e Vida.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva qualitativa, pautada na revisão da literatura de Enrique Pichon-Rivière e na apresentação do Projeto de Extensão e Pesquisa Som e Vida como representação da metodologia Pichoniana. O intuito do presente artigo não é a exposição dos resultados do referido projeto, mas sim da divulgação do projeto como exemplificação do trabalho com Grupos Operativos de Aprendizagem enquanto ferramenta.

O Projeto de Extensão e Pesquisa Som e Vida foi idealizado pelos acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário Campo Real e pela Educadora e Psicóloga Ana Bela dos Santos com o intuito de atender a demanda advinda das escolas municipais da cidade de Guarapuava-PR. A proposta faz parte do Programa de Extensão Saúde Integral e realiza o acolhimento de crianças entre 5 e 10 anos vinculadas ao Serviço Escola Realclin da referida Instituição de Ensino Superior. A carga horária total semestral do projeto, em média, ocorre em 55 horas, com duração de 4 horas por semana. São ofertadas em torno de 20 vagas para crianças do Ensino Fundamental das Escolas Municipais e 20 vagas para estagiários do Curso de Psicologia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

A técnica de grupos operativos consiste em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos, e tal aprendizagem deverá apresentar uma leitura crítica da realidade, se valer de uma atitude investigadora, dar abertura para as dúvidas e promover novas inquietações. A aprendizagem centrada nos processos grupais coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. Assim, os grupos operativos são utilizados para explorar afetos, sentimentos, conhecimentos, práticas, que além de propiciar uma leitura crítica da realidade também possibilita um processo de mudança (BASTOS, 2010).

A partir de um longo processo de identificações, com traços das estruturas vinculares nas quais estamos imersos, Pichon-Rivière entendeu que construímos este esquema referencial para organizarmos o mundo e, a nossa maneira, conseguir atuar na condição humana. O Esquema Conceitual Referencial se torna Operativo quando Pichon-Rivière, imerso em seus estudos sociológicos, compreende que todo o Esquema Referencial parte da experiência e que esta se localiza na ação (tarefa) (CARNIEL e FIGUEIREDO, 2018).

A formação dos chamados grupos operativos consiste num trabalho cujo objetivo é promover aprendizagem entre os envolvidos de maneira crítica, investigadora, questionadora e inquietante. Os grupos operativos podem e são utilizados nos mais diversos contextos: clínica, escola, empresa, comunidade e nas diferentes instituições, variando, principalmente, com relação à tarefa grupal (CARNIEL, 2008). O método Pichoniano, por excelência, é dialético. Pichon-Rivière adere ao método dialético em sua concepção do vir-a-ser da natureza, da sociedade e da construção do conhecimento. Para ele toda a relação é sistêmica e

ocorre em um processo contínuo contraditório e de mudanças que implicam irreversibilidade por meio de saltos qualitativos de aprendizagem. Compreendia que o sujeito não pode ser concebido como harmônico em sua realidade social, a harmonia o colocaria em uma condição de estagnação e isso não levaria o sujeito ao processo de aprendizagem operativa. Defendia que o sujeito é aquele que permanece em um implacável interjogo entre contrários e que isso possibilitaria uma importante relação mutuamente transformadora com o mundo, fundamentalmente vincular e social, e em prol da realização de seus desejos e propósitos. Daí sua valorização da praxis, a qual é o que permite ao seu Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) permanecer como sistema aberto a progressivas ratificações e retificações, validando o modelo teórico. Sustenta que a praxis é a que permite ajustar o modelo teórico e o esquema conceitual, à realidade (ADAMSON, 2018).

O projeto Som e Vida visa atender a demanda de usuários que necessitam de acolhimento psicológico, neste caso foram crianças recrutadas por triagem social realizada na escola onde frequentam o ensino regular, mediante assinatura do termo de compromisso por seu responsável. Os operantes foram os acadêmicos do curso de psicologia e as crianças participantes, que ao longo de encontros semanais abordaram diversas temáticas pertinentes e exploraram conteúdos subjetivos e grupais. Durante as intervenções, além da promoção da socialização à aprendizagem, diversos conteúdos submergiram.

Nesse cenário, o projeto em questão atua como grupo operativo, apresenta uma possibilidade onde o sujeito torna-se protagonista e ativo em seu processo de aprendizado, bem como de sua experiência humana. O grupo está centralizado em uma tarefa explícita (a aprendizagem) e uma implícita (as demandas de cada indivíduo operante), esta segunda é de ordem objetiva e foi percebida pelos operantes (monitores do grupo) ao longo dos encontros realizados. A escolha dos desencadeantes (temas) também foram sugeridos e discutidos com todos os que participam do processo grupal e somente a partir deste compartilhamento (constituição de um ECRO grupal) é que os objetivos do grupo foram definidos.

Assim, estabeleceu-se como objetivo geral do projeto: Desenvolver atividades que problematizam o conceito de aprendizagem com crianças; e objetivos específicos: (1) Desenvolver, por meio das tarefas operativas, habilidades de concentração, criatividade, raciocínio lógico, imaginação, linguagem, percepção, audição, ritmo, coordenação motora, atenção seletiva e concentrada, planejamento, memorização; (2) Enriquecer os conhecimentos gerais e culturais por meio da tarefa; (3) Promover a socialização e o respeito grupal; (4) Contar histórias e promover a leitura compartilhada objetivando o desenvolvimento da leitura, atenção e concentração dos elementos operativos; (5) Praticar a jardinagem, pois as plantas acrescentam cores, sons, texturas, aromas, noção de tempo e movimento, que podem ser explorados também em diversas brincadeiras pelas crianças, sendo sensorialmente enriquecedor. As plantas podem ser utilizadas para estimular os sentidos: tato, visão, paladar, olfato e audição, tornando-os espaços de aprendizagem, bem como o desenvolvimento das flores podem servir se exemplo prático para a explicação e vivência das fases do luto; (6) Desenvolver o cuidado com o meio ambiente fazendo uso da jardinagem e com a construção de brinquedos e instrumentos musicais de materiais recicláveis. As tarefas propostas foram organizadas em um cronograma de ação, com uma carga horária semestral de 55h.

Durante as atividades desenvolvidas no projeto Som e Vida as interações que ocorreram desde o Manifesto (o que se observa no primeiro contato) são explicadas por Pichon-Rivière como sentimentos de pertência (quando os integrantes sentem-se pertencentes ao grupo) e pertinência (qual a função do grupo para cada um dos integrantes). Esses sentimentos foram emergindo durante o passar dos encontros e por meio do interjogo cooperativo propiciado por este espaço é possível dizer que o vínculo criado pelo projeto deu-se conjuntamente ao processo de ensino-aprendizagem tanto para as crianças quanto para os

monitores até que o período da Telé fora alcançado, momento em que pode ser definido como aquele em que os sujeitos se compreendem enquanto grupo.

O grupo operativo enquanto instrumento de intervenção promoveu a interação entre seus integrantes e principalmente valorizou a experiência subjetiva da aprendizagem por meio da interação entre as crianças, e entre as crianças com os monitores. Foram utilizadas estratégias e ferramentas diversificadas, as quais não tinham o intuito de priorizar a memorização de conteúdos, já que a educação não-formal complementa a educação formal e valoriza as emoções e motivações individuais. Diversos aprendizados mútuos ocorreram e foram internalizados e tais saberes podem ser utilizados posteriormente de diferentes maneiras. Convém salientar que por meio das práticas realizadas, tanto para os acadêmicos quanto para as crianças, todos tiveram liberdade para aprender conforme sua subjetividade, partindo da premissa de que o grupo operante faça uso da reflexão crítica da realidade que os cerca.

Dessa maneira a metodologia Pichoniana de formação de grupos operantes se mostrou eficaz tanto para os acadêmicos quanto para os alunos da escola participante do Projeto Som e Vida. Proporcinou aos acadêmicos o aprendizado sobre a valiosa modalidade do ensino não-formal no intuito de permitir o trabalho de complexidades e experiências vivenciadas pelos seus operantes. Nesse sentido a aprendizagem não se limita a aulas expositivas, mas também pode ocorrer quando são explorados e compartilhados afetos, sentimentos, conhecimentos, experiências, etc.

A dialética aplicada ao entendimento de processos grupais está no centro da visão pichoniana. Nesse contexto, a concepção de dialética no grupo operativo é perceptível na medida em que no grupo há conversa e conhecimento, produzido no encontro com outro. A formação de um grupo proporciona a possibilidade de conversa e contradições. O movimento da dialética é contínuo e é representada por Pichon-Rivière como uma espiral ascendente, refereindo-se ao “caráter espiralado do processo” (CASTANHO, 2012).

Segundo Bastos (2010), dessa maneira é formada uma rede de interações de diferentes maneiras, uma ação social que envolve mais de um sujeito, o qual pode referenciar-se no outro, encontrar-se com o outro, diferenciar-se do outro, opor-se a ele, transformar e ser transformado. Tais ações ocorrem de forma recíproca, orientadas e dependentes entre si, em que a ação de cada um é dirigida para o outro ou decorrente da ação do outro. A aprendizagem centrada nos processos grupais coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros.

O processo terapêutico do grupo operativo consiste na diminuição dos medos básicos através da centralização na tarefa do grupo que promove o esclarecimento das dificuldades de cada integrante dos obstáculos. O grupo operativo age de forma a fornecer aos participantes, através da técnica operativa, a possibilidade de se darem conta e explorar suas fantasias básicas, criando condições de mobilizar e romper suas estrurturas estereotipadas (FISCMANN, 1997). O sujeito precisa experimentar uma prática de transformação de si mesmo, dos demais envolvidos, no contexto onde todos estão inseridos. A aprendizagem centrada no processo grupal é vista como mudança na interrelação entre sujeito e objeto, onde ocorre a elaboração de um novo conhecimento de forma integrativa e questionadora, resultando num processo contínuo e indissociável. O aprendizado se dá pela interrelação e integração com os demais, onde há comunicação e interação, enquanto sujeitos ocorre o aprendizado a partir da relação com o outro (PICHON-RIVIÈRE 1988; PICHON-RIVIÈRE, 1994; BASTOS, 2010).

Outro ponto importante é a visão de que o grupo como um todo é diferente da soma dos indivíduos que o compõe. Dessa maneira, para Pichon e a Gestalt, cuja teoria postula que

o todo é muito maior do que a soma das partes, é um importante ponto de apoio para suas propostas. Assim, o grupo passa a ser uma unidade de análise com enfoque no que ocorre entre os membros, cujas manifestações têm um plano horizontal (do grupo) e vertical (do sujeito) (CASTANHO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo operativo de aprendizagem nasce da intenção do motivo, movimento criado pelos elementos grupais e da mudança (aprendizagem) que se alcança no coletivo. Por meio da intervenção em comunidades escolares e da atuação em processo grupal operativo foi proposto romper com os paradigmas vigentes da educação e estabelecer uma leitura operativa dos sistemas de aprendizagem. É possível investigar como o grupo operativo de aprendizagem encontra lugar nas instituições de ensino e se configura como um ambiente de seguridade, acolhimento, permanência e apropriação das identidades territoriais escolares. A partir da construção de identidade o grupo é considerado como um lugar de vínculos e como parte determinante na elaboração dos valores, objetos e da cultura onde os sujeitos estão inseridos. Tais identidades serão compreendidas como cerne da realidade objetiva do grupo, mantendo assim uma relação contígua e dialética no processo do aprender. A comunidade escolar torna-se grupo e pode se apresentar de forma cristalizada, modificada ou mesmo remodelada na atuação dos elementos grupais (professores, estagiários, alunos, gestão, tutores, etc).

Neste sentido, a história e os afetos que caracterizam os lugares ocupados em tais comunidades serão tratados como formas de linguagem, que construídas no imaginário dos sujeitos, não se prendem a uma sequência de acontecimentos ou ao tempo. A cultura, a linguagem, o grupo e as relações de papéis nos processos do aprender, surgem como constituintes básicos do ser social, atribuindo função ao significar e ao operar no mundo.

A educação é um processo constante, acontece a partir de mediação entre isntituições e relações sociais. Os ambientes de educação não-formal, como o Projeto Som e Vida, trabalham segundo princípios de Rubens Alves (1993 – 2014) e Paulo Freire (1921 – 1997), por meio da comunicação de ideias, provocação à inteligência, criação de possibilidades para a própria cosntrução do conhecimento. Dessa maneira, o projeto Som e Vida, objeto desse artigo, foi desenvolvido para complementar a educação formal e valorizar as emoções e motivações individuais. O grupo operativo foi formado, onde as tarefas e elaborações dos conteúdos foram planejadas para promover a educação socializadora e includente. A cada ano os resultados dessa prática têm sido bastante satisfatórios, enriquecendo o conhecimento de todos os sujeitos envolvidos no processo. Assim, a metodologia se mostrou exitosa dentro do cenário acadêmico, funcionando como um laboratório de elementos de construção social podendo ser aplicada em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, G. **O ECRO de Pichón Rivière**. Disponível em <http//www.geocities.com/pichon.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo in Formação**, ano 14, n. 14, jan./dez. 2010.

CASTANHO, P. Uma introdução aos grupos operativos: Teoria e técnica. Vínculo – **Revista do NESME**, v.9, n. 1, pp 1-60. 2012.

CARNIEL, I. C. Possíveis intervenções e avaliações em grupos operativos. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo** Jul.-Dez. 2008, Vol. 9, No. 2, pp. 39-45.

CARNIEL, I. C., FIGUEIREDO, M. A. de C. O Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO) de Enrique Pichon-Rivière. **Rev. Científica Eletrônica Estácio**, Ribeirão Preto, n.11, p. 169-178, jan/jun. 2018.

FISCMANN, J. B. **Como Agem os Grupos Operativos?** In. ZIMERNAN, David E; OSORIO, Luiz C (org). Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.